

O FUTURO QUE VEM DO FUTURO

Como a internet está transformando a sociedade

Com a web, os processos deixam de evoluir de forma centralizada e linear e passam a evoluir de forma distribuída e exponencial

"Não há como, em ambientes cuja dinâmica é exponencial, você dizer: é isso o que acho que vai acontecer, logo, não façam perguntas sobre o que a gente acha que vai acontecer no debate, tá certo?" disse o pesquisador de engenharia de software Silvio Meira em uma palestra no evento Media On, em outubro de 2009, arrancando risos da plateia.

Ele fala em ambientes exponenciais, e é exatamente este o ponto principal da transformação sem precedentes que estamos vivendo. Fomos educados para viver em uma sociedade industrial que opera em linha. Dependemos do comando e do controle sobre processos lineares para garantir a qualidade e o padrão do resultado no final da linha de produção. A sociedade industrial funciona ligando o ponto inicial ao final para reproduzir o objeto padrão. A internet muda a configuração desse ambiente linear, pois conecta todos os pontos uns com os outros diretamente, criando um ambiente exponencial que não, tem início nem fim.

Com a internet, os processos deixam de evoluir de forma centralizada e linear e passam a evoluir de forma distribuída e exponencial. Tudo acontece ao mesmo tempo agora, pois, como há ligação entre todos os pontos, todas as variáveis do campo de possibilidades estão incluídas. Só sabemos lidar com o resultado esperado, e agora teremos que aprender a lidar com resultados inesperados. O ambiente exponencial pode facilmente ser confundido com uma "bagunça que não levará a lugar nenhum", mas não se enganem. A aparente bagunça é a entropia, energia responsável pela evolução do universo. É a energia da entropia que provoca o desordenamento do sistema para que ele possa se reorganizar em uma nova ordem.

A emergência de uma nova ordem. Percebe-se que todas as instituições da sociedade industrial estão em xeque. Do sistema representativo presente nas associações, federações e governos às escolhas definitivas da vida como profissão e casamento, passando pela escola, pela mídia, entre outros, tudo está sendo questionado. Vivemos uma crise.

Crise é quando o velho já morreu e não foi enterrado ainda, e o novo já nasceu, mas não é forte o suficiente para estar em todo o sistema. O novo é a sociedade em rede: hiperconectada, global (atuação local com acesso via internet a conhecimentos e tecnologias globais), inclusiva e abundante. A sociedade em rede evolui exponencialmente e exigirá - tanto das estruturas organizacionais quanto do ser humano individualmente - uma grande capacidade de adaptação. Vai doer. Toda expansão dói e essa também doerá. Não dá mais para ler a sociedade se baseando somente na inteligência industrial. Ela é centralizada, linear e escassa. É necessário incorporar uma inteligência de rede. É um

equivoco quando analistas econômicos, públicos ou privados, acham que a queda da venda de veículos, por exemplo, tem a ver somente com a diminuição da atividade econômica. Um percentual dos veículos parados nos pátios das montadoras tem a ver com a emergente mudança de hábitos em relação à compra de carros.

Quando fiz 18 anos, meu maior desejo era ter um carro, uma credencial para o mundo adulto. Meus filhos e seus amigos não querem ter um carro próprio pois acham isso prova de burrice. Por que cada um precisa de um carro seu se podemos compartilhar um carro nosso? Se, em média, duas pessoas antes propensas a adquirirem seus próprios carros passarem a compartilhar o mesmo veículo, isso significará uma queda de 50% na venda. Que indústria aguenta 50% de queda em seu faturamento? O que aconteceria com a cadeia ligada à indústria automotiva? O que aconteceria com seguradoras, financeiras, pedágios, oficinas, postos de gasolina que dependem da indústria automotiva se esta deixasse de existir nos moldes que atualmente vemos?

O que aconteceria se o conceito de propriedade fosse substituído pelo do acesso? E se o hábito de frequentar uma faculdade e se qualificar para o mercado de trabalho mudasse para a aquisição de conhecimento autônomo e o empreendedorismo em rede? E se o voto em uma estrutura de governo centralizada que nos representa perdesse relevância para a autogestão das comunidades atuando localmente e conectadas globalmente? E se a produção industrial de alimentos em grandes estruturas centralizadas migrasse para a produção orgânica local e distribuída utilizando as técnicas da agrofloresta? E se a educação para ser uma peça da engrenagem industrial mudasse para uma educação baseada no ser que tem foco no desenvolvimento humano e na propagação da vida? E se passássemos de uma estrutura que produz energia de forma centralizada para depois trafegar por uma linha de distribuição para a geração autônoma de energia pelo próprio consumidor?

E se todo controle saísse do centro e passasse para as pontas?

Não dá para prever o futuro, mas dá para "sacar" que o mundo não será reconhecível como uma grande unidade industrial, como hoje. Isso tende a ser uma boa notícia, pois caminhamos para modelos mais humanos e sustentáveis. Mas, antes de chegar na nova ordem, temos que passar pelo desordenamento da velha.

Temos que passar por 2019, e isso não será fácil. Os embates vividos em 2018 com a "uberização" da economia tendem a se radicalizar no próximo ano. Nos últimos dias, já deu para sentir o que as operadoras de telecomunicações enfrentarão com aplicativos como o WhatsApp, e os bancos já dão sinais de preocupação com as Fintechs (startups de serviços financeiros). 2019 tem tudo para ficar lembrado como um ano de grandes rupturas.

A dica é não resistir. Abrir-se para a mudança e começar a interagir em rede.

Dessa forma, você integrará a construção do futuro em vez de ser construído por ele.

Fonte: zh.com.br, adaptado.